

A CULTURA CLÁSSICA E A EDUCAÇÃO NO MEDIEVO GERMÂNICO – ASPECTOS PAREMIOLÓGICOS

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo
UFRJ/FL/PPGHC

RESUMO: A Paremiologia - ciência que se ocupa do estudo formal e conteudístico dos provérbios e expressões proverbiais – contribui significativamente para uma análise mais aprofundada dos mecanismos intelectivos, populares e/ou eruditos, na criação, disseminação e fixação de mensagens que se tornam ou pretendem se tornar postulados indiscutíveis no que tange a padrões éticos e comportamentais desejados pelos seus divulgadores. Normalmente entendidas como “verdades referendadas pela experiência humana”, tais parêmiias prestaram-se muito bem ao escopo eclesiástico medieval, mais especificamente do Baixo Medievo germanófono, que visava solidificar o modelo político-ideológico da *crístandade* pelo Sacro Império Romano-Germânico. Para atingir tal meta, o *litteratus* fundamentava-se não apenas na leitura da Bíblia, das obras hagiográficas e textos de caráter doutrinário da Igreja, como também buscava subsídios no legado cultural da Antigüidade. Personagens históricas e mitológicas fundiam-se em exemplos a serem seguidos ou refutados, apropriados ou descartados, consoante a visão eclesiástica. Este artigo tenciona apresentar, de forma sucinta, algumas dessas *personae* históricas e “estóricas”, procurando contextualizá-las dentro do mundo sapiencial medieval expresso em língua latina e veiculado através dos provérbios.

PALAVRAS-CHAVE: Paremiologia medieval. Antigüidade Clássica. Cultura eclesiástica.

ABSTRACT: Paremiology – the science which studies the form and content of proverbs and proverbial expressions - contributes significantly to a deeper analysis of the intellectual, popular and/or erudite mechanisms present by the origin, dissemination and fixation of the messages, which became or were intended to become unquestionable assumptions referred to ethical and behavior patterns desired by their divulgers. Normally understood as “truths attested by human experience”, such proverbs were useful to the ecclesiastical goal in the Middle Ages, more specifically during the German-speaking High Middle Ages, which aimed to solidify the ideological and political model of the *Christendom* by the Holy Roman Empire of the German Nation. To achieve this goal, the *litteratus* based himself not only on the lecture of the Bible, on the hagiographic works and on the doctrinaire texts from the Church, but also as someone who sought subsidies among the cultural legacy of the Antiquity. Historical and mythological characters were interfused in examples to be followed or denied, appropriated or discarded, according to the ecclesiastical points of view. This paper aims to present, in a concise form, some of these historical and fictional *personae*, trying to bring them together in the context of the wisdom during High Middle Ages expressed in Latin and propagated by the proverbs.

KEYWORDS: Medieval Paremiology. Classic Antiquity. Ecclesiastical Culture.

Durante muito tempo coube à Idade Média o incorreto epíteto de “Idade das Trevas”. Como um mero espaço temporal entre a Antigüidade Clássica, berço da “cultura” civilizacional européia e o Renascimento, tempo de revalorização daqueles ideais greco-romanos, a época geralmente compreendida entre 476 e 1453 foi caracterizada pejorativamente como simples entrave cronológico, o período que se situava no “meio” da vida intelectual da Europa. Hoje em dia, devido aos avanços dos estudos de ciências como a Mediévica, sabemos, entretanto, quão falha é esta opinião. Não apenas como reproduzidor de modelos da Antigüidade Clássica, porém, e em especial, como produtor de cultura, o medieval incorpora, mescla e sintetiza o conhecimento conforme suas necessidades intelectivas. Um exemplo nesse sentido é patente no âmbito dos primeiros estudos filológicos, mais precisamente, de Crítica Textual.

Eratóstenes de Mileto, Ateius Praetextatus podem ser considerados os primeiros filólogos ou talvez alguns dos mais importantes nomes da Filologia em Grécia e Roma.

Obviamente, o mundo onde viveram e escreveram Ovídio, Horácio, Virgílio, dentre outros, fez parte da preparação pedagógica dos homens de saber, que assumiram, após o fim do Império Romano do Ocidente, a tarefa de propagar a cultura dos antigos aliada à, se assim podemos chamar, ideologia religiosa dominante, o Cristianismo. Destarte, a partir do século V e, mais precisamente depois do século VI, a Igreja toma para si a missão de cristianizar os incipientes reinos bárbaros e utilizará para isso as fontes oriundas da Antigüidade greco-romana.

Aqui, pois, instaura-se nosso objeto de estudo. A leitura dos manuscritos dos autores do medievo segue, via de regra, um modelo de cultura, em que *philosophia ancilla teologiae*, isto é, “a filosofia é serva da teologia”. Portanto, parte-se do pressuposto de que os textos em latim da Idade Média, diferente dos padrões clássicos, apesar de tentar se aproximar de seu estilo, apresentam diferenças não apenas gramaticais, mas principalmente filosóficas. O *modus cogitandi e o modus faciendi* conformador destes escritos deixam transparecer opções sócio-políticas, pois é evidente, principalmente até ao século XII, a influência do Cristianismo. Com isso, a maioria dos gêneros literários, obras e temáticas correlatas demonstrará o labor científico dos eclesiásticos.

Portanto, como ciência, à Crítica Textual moderna não pode se equiparar metodológica e criticamente a noção que os medievais tinham dela. A compreensão, leitura e fixação do legado da Antigüidade passava pelo crivo de um sentimento artístico impregnado por uma visão dogmatizante do saber, saber esse aliado ao conhecimento da Verdade do verbo divino. O texto servia de pretexto para a contextualização e solidificação da fé cristã. Seguindo tal objetivo, tem-se como monumento maior da cultura de então a *Summa theologica*, de São Tomás de Aquino, onde a ciência do homem é embasada pelo conhecimento da sabedoria divina. Um dos gêneros mais apreciados na época – séculos XII a XV - lançava mão do conhecimento artístico do passado com vistas a um presente eterno. Falamos dos *libri proverbiorum*, ou livros de provérbios, comuns para o exercício de latim nas escolas catedralícias, onde se instruía o futuro clérigo nas verdades de sua crença¹.

Os modelos de saber, portanto, eivados de Antigüidade e de Cristianismo, serviam como matéria-prima para a proverbialização daqueles exercícios de língua latina. Como fontes primárias e agora dirigindo-nos para a Literatura, como citado anteriormente, Grécia e Roma forneceram para o mundo medieval europeu autores, temas e personagens. Ovídio, Virgílio, Cícero, Ulisses, Helena, Enéias, Tirésias, Baco, Vênus, dentre inúmeros nomes, entraram para a galeria de personagens medievais como arquétipos de autoridade, astúcia, beleza, coragem, sabedoria, prazeres mundanos e amor. Os compêndios de provérbios medievais redigidos em terras do Sacro Império Romano-Germânico as incluem constantemente, representando deuses pagãos ou simples mortais, figuras heróicas ou vilãs, que fazem parte da história universal. Seus comportamentos são motivo de reprimenda ou louvor, pois os provérbios possuíam função didático-moralizante dentro da sociedade medieval e caberia ao homem “saber” discernir o que aquelas figuras universais trazem de contribuição para suas vidas no claustro, no palácio e na casa simples.

A alusão a personagens da mitologia greco-romana demonstra, da mesma forma, o trabalho intelectual com as fontes escritas, onde as mesmas se encontram. No labor dos *scriptoria* e nas salas de aula e átrios de igrejas e universidades, o elemento cultural pagão é assimilado e compreendido dentro de uma ótica cristã e exercerá a função de espelhar vícios e virtudes comuns a quaisquer homens, em quaisquer épocas.

Ernst Robert Curtius, em *Literatura européia e Idade Média latina* (1957, p. 51), ao tratar da questão de quais autores seriam os mais utilizados dentro do sistema educacional medieval, cita-nos uma lista de vinte e um nomes de autoria de Konrad von Hirsau, monge germânico do século XII:

o gramático Donato; 2) o aforista Catão ...; 3) Esopo ...; 4) Aviano ...; 5) Sedúlio ...; 6) Juvenco ...; 7) Próspero de Aquitânia...; 8) Teódulo ...; 9) Arátor ...; 10) Prudêncio ...; 11) Cícero; 12) Salústio; 13) Boécio; 14) Lucano; 15) Horácio; 16) Ovídio; 17) Juvenal; 18) “Homero”; 19) Pérsio; 20) Estácio; 21) Virgílio...

¹ Para uma análise acurada sobre os provérbios medievais em latim e suas fontes cf. BRAGANÇA JÚNIOR (1999).

Dessa lista, prossegue o estudioso alemão (1957, p. 51),

a escassa seleção compreende pagãos (de preferência da fase final da Antigüidade) e cristãos, sem levar em conta a cronologia; dos clássicos, somente Cícero, Salústio, Horácio e Virgílio - quatro autores que, porém, pela sua associação com os outros quinze, perdem a sua posição especial de clássicos e cujo mérito é considerado quase exclusivamente pelo seu efeito moral.

Atesta-se esta particularidade, ou seja, a utilidade dos autores para veicular lições de moral, na literatura de cunho dogmático-doutrinário, que tinha, entre as suas formas de expressão, os exercícios escolares com provérbios rimados, muitos deles usados “[...] como preparo para o recreio do espírito e da inteligência” (CURTIUS, 1957, p. 61)².

O enfoque novo, pois, dado às obras da Antigüidade Clássica refletia a tomada de posicionamento da elite cultural de então, isto é, o clero. Utilizava-se o legado cultural dos textos antigos, porém não se pretendia imitar os seus padrões. Como bem assevera Régine Pernoud (s.d., p. 113).

Isto não significa que a Idade Média tenha ignorado a Antigüidade; Horácio, Sêneca, Aristóteles, Cícero e muitos outros são estudados e citados freqüentemente, e os principais heróis das literaturas antigas, Alexandre, Heitor, Príamo e Tisbeu, Fedro e Hipólito, inspiraram, por seu turno, todos os autores medievais;

para depois concluir, que

se se vê então na Antigüidade um reservatório de imagens, de histórias e de sentenças morais, não se vai ao ponto de a enaltecer como um modelo, como o critério de toda a obra de arte; admite-se que é possível fazer tão bem e melhor do que ela; admiram-na, mas preservar-se-iam de a imitar.

Não a imitação pura e simples dos autores, mas sim o plágio criativo, que nos casos dos *libri proverbiorum*, podia ser encontrado na ampliação e modificação das palavras originais. Ruy Afonso da Costa Nunes (1979, p. 199) cita, como exemplo, referindo-se ao renascimento cultural do século XII, John of Salisbury, “[...] um professor de literatura para quem a composição literária devia inspirar-se nos grandes mestres do passado, mas sem plagiá-los, e que procurava ensinar aos alunos a arte de ler bem e de bem redigir”.

Tal assertiva é do mesmo modo expressa por Jacques Le Goff (s.d., p. 31), quando menciona o fato de os professores medievais, como clérigos, fazerem uso não apenas das fontes cristãs mas também principalmente das obras das *auctoritates* greco-latinas, por considerá-las trabalhos científicos:

Se estes mestres que são clérigos, que são bons cristãos, preferem como *text-book* Virgílio ao *Eclesiastes* e Platão a Santo Agostinho, não o fazem apenas por estarem persuadidos de que Virgílio e Platão contêm ensinamentos morais ricos e que, por dentro da casca existe o miolo...; fazem-no porque, para eles, a *Eneida* e o *Timeu* são antes de mais nada obras *científicas* – escritas por sábios e apropriadas para serem objecto de ensino especializado, técnico -, enquanto as *Escrituras* e a Patrística, que podem ser ricas em matéria científica..., o são apenas secundariamente.

Sem negar, portanto, o embasamento cultural dos textos da tradição cristã-patrística, os autores medievais, e sobretudo os do século XII, retomam os autores antigos como alavancas para a ampliação do horizonte cultural de então, cuja importância foi tornada célebre através das palavras de Bernardo de Chartres: “Somos anões que treparam aos ombros dos gigantes. Desse modo, vemos mais e mais longe do que eles, não porque a nossa vista seja mais aguda ou a

² Em nota de rodapé número 76, diz: “As sentenças são também chamadas *proverbia*.” Convém lembrar, que à época do texto de Curtius (1947) e da edição brasileira (1957), a coleção dos **Proverbia sententiæque latinitatis Medii Aevi** de Walther ainda não tinha sido publicada.

nossa estatura maior, mas porque eles nos erguem no ar e nos elevam com toda a sua altura gigantesca (apud LE GOFF, s.d., p. 32).

Pelo exposto, percebe-se então o trabalho intelectual com o passado de forma enriquecedora. O que poderíamos chamar de elementos culturais da Antigüidade Clássica ligam-se ao fazer artístico não puramente mimético, mas sim criativo, no que os provérbios ocupam lugar de destaque. Os exemplos de parêmas rimadas dentro dos manuscritos por nós estudados fornecem-nos uma pequena amostra de sua qualidade. À guisa de exemplificação, analisaremos alguns provérbios, pois, que nomeiam autores e personagens do mundo greco-romano, a fim de comentar o seu uso nos séculos do baixo medievo.

Baco é divindade constante no discurso paremiológico no medievo. Sua relação com o suco fermentado do fruto da videira reflete-se nas oferendas feitas pelos seus seguidores. Como afirma Commelin (1906, p. 78), “[...] imolavam-lhe a pega, porque o vinho solta a língua e torna os bebedores indiscretos”. Seus outros nomes também se relacionavam com seu poder sobre o vinho:

Às vezes é chamado *Liber* (Livre), porque o deus do vinho liberta o espírito de qualquer cuidado; *Evan*, porque as suas sacerdotisas, durante as orgias, corriam de todos os lados gritando: *Evohé, Bacche*, termo derivado de uma palavra grega que significa “gritar”, alusão aos gritos das bacantes e dos grandes bebedores. Tem ainda outros sobrenomes provenientes do seu país de origem ou dos efeitos da embriaguez: *Nysoeus*, de Nysa, *Lyaeus*, que afugenta a mágoa (COMMELIN, 1906, p. 78-79).

No provérbio *Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore / Qui committit ei, proprio privatur honore.* / “Nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz / Quem nisso incorre, é privado da própria honra.”, percebemos no tocante à forma da parêma, o que primeiramente nos chama a atenção é a sua estrutura rítmica, que apresenta acentuação intensiva nas 2ª, 5ª, 8ª, 10ª, 12ª e 15ª sílabas tônicas, no primeiro verso e nas 1ª, 3ª, 5ª, 6ª, 8ª, 10ª e 12ª sílabas tônicas no segundo verso, permitindo que visualizemos a acentuação intensiva característica do verso medieval rimado.

Quanto ao esquema rimático, *a + a* em *amore* e *honore*, este caracteriza os versos *caudati*, no caso, em dístico, com dois hexâmetros, sendo o primeiro de dezesseis sílabas e o segundo de quatorze sílabas com rima dissílaba nas finais.

No campo da análise lexical e semântica encontramos *tesseribus*, do latim *tessera* e este do grego *téssares*, os “dados”, objetos de forma cúbica utilizados em jogos; *Bacho*, de *Bacchus*, deus romano do vinho e da inspiração poética, aqui simbolizando a bebida; *meretricis*, forma do genitivo singular de *meretrix* e esta ligada ao verbo *merere*, “merecer”: “prostituta”; *honore*, forma ablativa de *honoris*, a “honra própria”. O valor da *honoris* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

O provérbio em dístico por nós analisado é um veemente ataque àqueles que preferem os prazeres do mundo à santidade de vida, ou seja, referendando um discurso pedagógico de censura que tenciona nortear o mundo de acordo com um ponto de vista espiritual. O elemento mitológico da Antigüidade greco-latina, aqui Baco, não estava imbuído de qualidades e virtudes cristãs, manifestando somente suas características perversoras e nocivas a uma comunidade regulamentada pelas palavras de Cristo. Contra ele, o jogo e a prostituta se ergue a voz moral de fundamento cristão. Seu efeito retórico persuasivo apela diretamente ao *proprius honoris* do censurado, de forma a reconduzi-lo ao Pai com as bênçãos da Igreja.

No dístico, em versos *unisoni*, aparece também a figura de Vênus: *Raro frigescit Bacho Venus, ipsa calescit; / Litigium vita! tibi res honesta petita.* - “Raramente Vênus esfria com Baco, ela própria se aquece; / Foge da contenda! Tu deves te dirigir para coisas honestas”. Aqui Vênus, simbolizando a beleza do sexo feminino, une-se a Baco, o deus do vinho, aquele que, como anteriormente considerado, desestabiliza o homem através dos efeitos da bebida. Como deusa da beleza, dos prazeres e dos amores, possuía um cinto onde encerrava as “[...] graças, os atrativos, o sorriso sedutor, o falar doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio expressivo e a eloquência dos olhos” (apud COMMELIN, 1906, p. 69). Essas duas faces do amor

personificadas pela deusa – a paixão carnal e o sentimento de vingança – foram realçadas por boa parte dos *litterati* medievais, que viam nelas um fator de desagregação e de distanciamento do elemento masculino da palavra bíblica. Personificada na mulher, Vênus seduziria negativamente os homens, dominando suas mentes com o apelo da carne, assim como Baco faz com o vinho, e os conduziria desta forma para a perdição e danação eternas, pois o paraíso celeste requer o primado do espiritual e, com isso, o domínio sobre o corpo corruptível.

Juntos os dois, o amor de uma mulher e o vinho corrompem e abalam as estruturas do edifício individual do cristão medieval e devido a isso o autor do provérbio, em tom exclamativo, exorta o leitor-ouvinte a se abster de ambos, pois a *res honesta petita* é certamente o cumprimento das palavras de Deus ensinadas pela *mater ecclesia*.

Outra parêmia medieval em forma de dístico vem referendar a influência negativa desses deuses latinos, a menos que haja moderação: *Gaudia sunt vite Venus et Bacchus sine lite! / Gaudia non vites animi! semper fuge lites!*, “Venus e Baco sem contendias são as alegrias da vida! / Não evites as alegrias do espírito! Foge sempre das brigas!”. Em versos *collaterales*, com a redução das consoantes geminadas *cc* em *Bacho*, este dístico proverbial transmite-nos uma idéia menos negativa do amor (Vênus) e do vinho (Baco). Se as duas “divindades” forem corretamente, isto é, *sine lite*, “sem contendias” cultuadas, não ferirão o código de conduta do homem medieval. Mesmo assim, o provérbio ainda afirma a supremacia das coisas espirituais sobre os efeitos da carne e do vinho, na medida em que as alegrias do espírito, *gaudia animi*, aqui entendidas como as dádivas do Senhor na vida humana, constituem o principal objetivo do homem, aproximando-o do seu Pai celestial. Por outro lado, as brigas o distanciariam deste último, Deus do verdadeiro amor, aquele que, consoante a visão clerical do medievo, é infinitamente superior ao sentimento entre homem e mulher.

Afrodite para os gregos e cultuada em Roma como Vênus, a deusa latina presidia os prazeres do amor. Como deusa da beleza, dos prazeres e dos amores, possuía um cinto onde encerrava as “[...] graças, os atrativos, o sorriso sedutor, o falar doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio expressivo e a eloquência dos olhos” (apud COMMELIN, 1906, p. 69).

Com tais armas, seu poder sobre os mortais era irresistível. Templos lhe foram construídos em Chipre, Pafos, Citera, sendo seu culto um dos mais populares na Antigüidade. Desposou Vulcano, adulterou com Marte, apaixonou-se, porém, pelo mortal Adônis e o amou, até que este foi assassinado pelo deus da guerra metamorfoseado em javali. Ao descer aos infernos, o jovem foi amado pela rainha do reino inferior, Prosérpina, o que fez com que Vênus, indignada, se queixasse junto a Júpiter, que resolveu o litígio ao decidir que Adônis estaria livre durante quatro meses ao ano, os quais passaria na companhia da deusa, enquanto no tempo restante estaria nas regiões infernais ao lado de Prosérpina.

Embora fosse a deusa do amor, seu comportamento estava longe de ser totalmente amável. Commelin (1906, p. 71) menciona e exemplifica seu caráter vingativo, ao afirmar que Vênus era

[...] muito vingativa e impiedosa nas suas vinganças. Para punir o sol (Febo) da indiscrição de haver advertido Vulcano do seu adultério com Marte, tornou-o infeliz em quase todos os amores. ... Vingou-se da ferida que recebera de Diomedes diante de Tróia, inspirando a Egiale, sua mulher, paixões por outros homens. Castigou da mesma maneira a musa Clío que havia censurado o seu amor por Adônis, a Hipólito que desdenhara os seus atrativos.

Essas duas faces do amor personificadas pela deusa – a paixão carnal e o sentimento de vingança – foram realçadas por boa parte dos *litterati* medievais, que viam nelas um fator de desagregação e de distanciamento do elemento masculino da palavra bíblica. Personificada pela mulher, Vênus seduziria negativamente os homens, dominando suas mentes com o apelo da carne, assim como Baco faz com o vinho, e os conduziria desta forma para a perdição e danação eternas, pois o paraíso celeste requer o primado do espiritual e, com isso, o domínio sobre o corpo corruptível.

No provérbio em verso leonino - *Nescit quid doceat, quem Venus illaqueat*, “Desconhece o que deve ensinar, aquele a quem Vênus seduz”, encontrado na biblioteca da universidade de Basel, a deusa romana literalmente laça – de *in*, “dentro de” e *laqueare*, verbo

preso ao substantivo *laqueus*, “laço” – aquele que não tem consciência de que há assuntos mais importantes a serem aprendidos do que se deixar enredar pelas teias do amor.

Esta total submissão aos caprichos da deusa e conseqüente falta de vigilância também podem ser encontradas em, *Curis artatur, si quis Veneri famulatur*, “Se alguém é criado de Vênus, é afligido de cuidados”. Neste provérbio em verso leonino, o traço social de vassalagem medieval é transposto para a relação entre Vênus e seu seguidor, sintetizada pelo verbo *famulari*, “servir como criado”. Aqueles que seguem os prazeres advindos do corpo da mulher, portanto, descuidam-se dos bens do espírito, cujas repercussões ulteriores serão funestas fatal e eternamente.

A tentação das filhas de Eva, adornadas pelo cinto de Vênus, é do mesmo modo retratada pelo provérbio 4, em verso leonino, de Paris, *Cuius forma bona, Veneri sit femina prona*, “A mulher, cuja beleza é perfeita, está inclinada para Vênus”. Evidencia-se neste exemplo o poder de sedução feminino quase irresistível exercido pela deusa, que apenas seria detido, se o homem se dispusesse a se armar defensivamente com o Verbo divino.

Um outro provérbio, em dístico com rimas leoninas, reúne novamente Vênus a Baco e ao jogo, completando o quadro desarticulador do cristão medieval: *Alea, vina, Venus; tribus hiis sum factus egenus; / Hec tria qui poterit spernere, dives erit*, “Os dados, os vinhos e Vênus; eu sou feito desprovido dessas três coisas; / Quem puder essas três coisas desprezar, rico será”. Nesse provérbio, os três elementos talvez mais perniciosos dentro da vida cotidiana do medievo, o jogo, o vinho e a mulher, simbolizada por Vênus, são criticados a partir do ponto de vista do autor, que afirma estar livre deles e em conseqüência disso, fixa um parâmetro de riqueza, que não está contido neles. À medida que o tom do discurso proverbial é pedagógico-moralizante, logo podemos deduzir que o mesmo pretendia afastar o público leitor e/ou ouvinte desse trinômio desestruturador da vida social de fundamentação cristã da Idade Média, o que, por fim, configuraria sua redação no seio eclesiástico.

Conforme o material por nós submetido à análise, portanto, vemos na figura de Vênus a imagem da mulher insinuante, que ao lançar mão dos seus atributos físicos e demais recursos de sedução, instaura um grande perigo para a cristandade ocidental em terras em sua grande maioria germânicas. Assim, a representação da deusa romana associada às suas características do amor carnal somente poderia suscitar reprimendas àqueles que desejassem servi-la, pois em um mundo, no qual o homem deveria estar se preparando para a verdadeira vida *post mortem*, as palavras de São Paulo em *Gálatas 5, 16-17* teriam que imperiosamente constituir a sua base moral:

Digo-vos pois: andai segundo o Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Efetivamente, a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito, e o espírito desejos contrários à carne; estas coisas são contrárias entre si, para que não façais tudo aquilo que quereis.

pois os frutos da carne, os quais Vênus estimula, são

o adultério, a fornicação, a impureza, a luxúria, a idolatria, os malefícios, as inimizades, as contendas, as rivalidades, as iras, as rixas, as discórdias, as seitas, as invejas, os homicídios, a embriaguez, as glutonias e outras coisas semelhantes, sobre as quais vos previno, como já vos disse, que os que as praticam não possuirão o reino de Deus (cf. BÍBLIA SAGRADA, 1989, p. 1278).

Destarte, Baco e Vênus nos são apresentados nestes dísticos proverbiais com suas características enebriadoras e terrenamente sedutoras, que destoariam dentro da própria simbologia cristã, onde o vinho, acima de tudo, era identificado com o sangue de Jesus Cristo, este o redentor da humanidade, aquele um elemento que, sem moderação, poderia desestruturá-la.

Erínia – *Erinnys* – segundo as palavras de Ernesto Faria (1955, p. 322) seria “uma das três divindades gregas, filhas da Noite e de Cronos. Eram as deusas da vingança e foram, mais tarde, identificadas com as Fúrias dos romanos”. As funções dessas divindades que residiam nas regiões infernais consistiam em executar as sentenças dos juízes sobre os condenados. No total seriam três irmãs: Megera, Alecto e Tisífone.

Megera, segundo P. Commelin, “[...] tem por missão semear as discórdias e as disputas entre os homens. É ela também quem persegue os culpados com maior sanha”. (1906, p. 233). Alecto, sua irmã, atormenta eternamente os criminosos, não os deixando descansar.

Tisífone, *Tisiphone*, que algumas vezes recebe o nome de Erínis é descrita por Commelin (1906, p. 233) como

[...] vestida com uma roupa ensanguentada, vela dia e noite sentada à porta do Tártaro. Desde que a sentença dos criminosos é pronunciada, ela se arma do seu látego vingador, açoita-os impiedosamente e insulta-os quando eles se lamentam; na mão esquerda segura horríveis serpentes, e chama as suas bárbaras irmãs para auxiliá-la. Era ela quem para punir os mortais, espalhava a peste e os flagelos contagiosos.

Essas três deusas, portanto, habitavam os *infernos* e eram implacáveis em aplicar as punições aos culpados de crimes. Na parêmia medieval em versos leoninos - *Si bonus est finis, animam non tollit Herinis*, isto é, “se a finalidade é boa, Erínis não tira a alma.”, notamos a grafia *Herinis*, onde, talvez por hipercorreção do autor da frase proverbial, está presente o *-h-*, como se tivesse existido na forma original grega, *Erynnis*.

Segundo uma perspectiva literário-cultural, a personagem mitológica greco-latina continua associada à vingança, porém, de maneira diferente, não possui o poder necessário para consumá-la devido à meta traçada pelo homem, que deverá ser boa. Este adjetivo, *bonus*, qualifica, a nosso ver, o objetivo desejado pelo cristão, qual seja, viver segundo os preceitos do evangelho e das lições dos padres. Caso tal firmeza de caráter e definição de finalidades estejam de acordo com a ótica do cristianismo, a *anima* do indivíduo estará suficientemente forte e preparada, por estar imbuída do espírito de Deus, de forma tal que nem mesmo a vingativa Erínea poderá desempenhar suas funções, ou seja, nesse provérbio a força original da divindade pagã não conseguiria, por mais vingativa que fosse, aquebrantar e arrebanhar para as “regiões infernais”, agora no sentido cristão do termo, o homem, cuja boa meta seria uma manifestação nele próprio do verdadeiro e onipotente Deus.

Uma das personalidades mais influentes da república romana, Marcus Porcius Cato, cognominado *o Censor*, nasceu em Tusculum em 232 a.C. e provavelmente entrou para a História devido à célebre frase *Ceterum censeo Carthaginem esse delendam*, “e também penso que se deve destruir Cartago”, chocado que estava com a prosperidade desta cidade africana. Do mesmo modo, ter-se-ia posto contra a influência da literatura e dos costumes helênicos em Roma, tornando-se seu nome sinônimo de homem austero, muito sensato ou que afeta sê-lo.

Exatamente pelo aspecto de crítico de costumes e voz clamante contra os vícios e defeitos que afetavam a *urbs* e poderiam minar as *virtutes* romanas, Cato prestou-se durante a Idade Média a ser o porta-voz de um discurso sapiencial de advertência contra as depravações e os riscos de se tomarem atitudes que contradissem os preceitos do código social vigente. Por este último representar o sistema doutrinário-propedêutico dominante na maior parte da Europa ocidental de então – o Cristianismo - seu papel em Roma como arauto da necessidade de manutenção das tradições morais romanas é aqui adaptado para defensor do legado moral e ético da religião católica, advogada pelo clero.

Tamãha foi a importância do nome *Cato* dentro do círculo escolar eclesiástico medieval, que os *Disticha Catonis* se tornaram leitura quase que obrigatória nos *curricula* das escolas de então. Esta obra foi atribuída ao censor romano “[...] por esse ser considerado associado à sabedoria e a uma literatura sapiencial em forma de regras práticas para a vida” (CHASE, 1922, p. 2). Segundo o estudioso americano, os *Disticha* teriam sido compostos entre os anos de 117 e 324 por um escritor que teria vivido na parte ocidental do império romano e que, no final do século V, o nome de *Cato* a eles teria sido associado (1922, p. 2).

A utilidade destes dísticos excedia, porém, o mero contato com um escritor da Antigüidade. Wayland Johnson Chase (1922, p. 4) é categórico ao referir-se à obra como “[...] o primeiro livro-texto de latim para os alunos da Idade Média e um livro-texto com uma moral, ou seja, com os ensinamentos dos dísticos”. Durante o período carolíngio, o livro teria sido largamente utilizado nas escolas ocidentais, como anteriormente ressaltado, alcançando no século XII uma posição de grande destaque no meio escolar.

O provérbio medieval, em verso leonino, *Vix sine peccato posset modo vivere Catho*, “Apenas Catão poderia com dificuldade viver sem pecado” chama-nos logo a atenção para o fato da existência do grafema *-h-* no antropônimo romano, o que nos leva a conjecturar um erro de hipercorreção, talvez oriundo da tentativa de se estabelecer a hipotética forma correta escrita de tal nome ou, como acreditamos, seja reflexo de uma aspiração da consoante medial, na medida em que tal consoante era pronunciada em médio-alto-alemão³.

Por outro lado, centrando-se uma proposta de análise sobre o conteúdo social da parêmia, percebe-se que à época da composição da mesma - século XV -, a agitação antropocêntrica do *quattrocento* italiano aliada a uma decomposição moral por parte dos membros dirigentes do clero católico perturbava e desviava o homem do final da Idade Média do seu Criador. O elemento cristão do *peccatum* é acronologicamente transportado para a vida do moralista romano, referendando, em primeiro lugar o valor deste último como voz da sabedoria antiga e realçando, em um outro plano, as dificuldades para uma vida íntegra cristã dentro da sociedade de então.

Somos de opinião, portanto, que Catão perfaz o exemplo prático experiencial e sapiencial dos antigos, que, redimensionado com os valores do cristianismo ocidental, é um testemunho do momento histórico conturbado do século XV, onde a palavra cristã ensinada pela Igreja não se coadunava com as suas práticas terrenas e com as novas expectativas do homem renascentista. Nesse caso, o legado do censor antigo torna-se porta-voz de denúncia de um tecido social prestes a ser totalmente rasgado.

Como último e talvez maior nome das letras romanas, Publius Ovidius Naso, poeta nascido em Sulmona em 43 a.C., teve educação esmerada, estudando filosofia, retórica e gramática junto a grandes mestres. Exerceu a função de advogado e outros cargos dentro da magistratura romana, porém seu legado à humanidade é eminentemente poético. Já reconhecido dentro da corte de Augusto, Ovídio parecia ter consolidado sua posição como escritor, quando ao estar concluindo os *Fasti*

[...] foi surpreendido por um edito do imperador desterrando-o para o Ponto Euxino, região fria e inóspita da Ásia. Os motivos dessa decisão de Augusto nunca ficaram bem esclarecidos. Uns dizem que foram as suas publicações eróticas, sobretudo a *Ars Amandi* que teriam suscitado a represália do imperador, há muito esperando um pretexto para afastar de Roma o poeta, cujas obras contrariavam sua política de moralização. Outros afirmam que Ovídio sabia e favorecia os amores secretos de Júlia, neta de Augusto. Parece, entretanto, que os motivos políticos relacionados com a sucessão de Augusto foram os verdadeiros fatores da decretação do exílio do poeta, que figurava entre os opositores dos planos de Lívia, visando transmitir o império a Tibério e não a Agripa (SOUZA, 1977, p. 220).

Ovídio passou os seus anos restantes de vida no Ponto, onde escreveu *Tristia*, *Epistolae ex Ponto*, a parte final dos *Fasti* e a sátira *Ibis*, vindo a falecer durante o reinado de Tibério aos 63 anos de idade no ano 18 da nossa era.

Seu trabalho esmerado com o verso latino torna suas obras um deleite para o leitor. Rômulo Souza (1977, p. 225) acrescenta:

A principal característica de Ovídio é a prodigiosa facilidade com que escreve. Ele mesmo diz que quando se punha a escrever sem querer, saíam versos. Chega a ser genial a maneira como desenvolve os temas mais corriqueiros ou exóticos. Esse dom, oriundo mais da imaginação que do talento, é ajudado por uma forma simples e flexível que caracteriza o seu estilo, sempre adornado de imagens engenhosas e adaptadas ao assunto, as quais dão um caráter pitoresco de espontaneidade que não cansa e agrada.

O talento artístico e o preciosismo literário do poeta foram redescobertos pelos *lectores* medievais. Konrad von Hirsau, segundo Curtius (1957, p. 52), aceita a leitura dos *Fasti* e das *Epistolae ex Ponto*, recusando as obras eróticas e as *Metamorphoses*. Por outro lado, no final deste mesmo século, Alexander Neckam (apud CURTIUS, 1957, p. 52) admite a leitura das

³ Cf. a forma latina do dativo *michi* > e a forma em alemão moderno *mich*, no acusativo.

Metamorphoses e para combater os seus possíveis efeitos, os *Remedia amoris*. Seus poemas são analisados à luz de artifícios retóricos, pois “[...] sua poesia deleita-se com antíteses e agudezas, efeitos de eufonia e sentido” (CURTIUS, 1957, p. 68). No século XIV, cabe mencionar que as *Metamorphoses* ganharam uma versão moralizada, elaborada por Pierre Bersuire (Petrus Berchorius), sob o título *Metamorphosis Ovidiana moraliter explanata*, que teve sua primeira edição publicada em 1340 e a segunda no ano de 1342. Todavia, um outro aspecto importante do trabalho com seus textos possibilitou aos *clerici* deles depreender expressões proverbiais, as quais tiveram largo uso durante o medievo.

Da Literatura para a Retórica, entremeado de exemplos moralizantes, Ovídio foi uma das *auctoritates* mais significativas dentro do universo intelectual medieval. Tal assertiva pode ser defendida, se atentarmos para o provérbio do manuscrito de Basel, em versos *caudati*, *Qui studium spernit simul et tua carmina, Naso! / Nil sibi contingat melius quam fiat agaso*, “Quem ao mesmo tempo despreza o estudo e os teus versos, Nasão! / Não terá sorte melhor do que tornar-se lacaio”, onde o vocábulo *nil* aparece grafado sem os grafemas *-hi-* da forma clássica *nihil*, tendência essa já constatável a partir do *sermo vulgaris*. No que tange explicitamente à parêmia, notamos que a referência ao poeta de Sulmona se inicia praticamente com a equivalência entre o *studium*⁴, entendido como o ingresso na universidade, e o conhecimento dos versos de Ovídio, o que confirma ser sua leitura indispensável pelo menos para o curso das disciplinas do *trivium*. Caso, contudo, seu estudo seja negligenciado ou propositalmente rejeitado, triste sina estará reservada ao autor de tal temeridade, pois não obterá posição de destaque dentro da sociedade medieval, cabendo-lhe possivelmente o papel de lacaio.

Neste ponto, este provérbio mostra-se extremamente rico em considerações de ordem social sobre o medievo, a saber:

- a) no estudo universitário, a leitura dos *carmina* ovidianos era indispensável;
- b) o conhecimento delas advindo poderia proporcionar futuramente ascensão social dentro do universo dos intelectuais medievais medievais;
- c) o desconhecimento das obras do sulmonês, em contrapartida, poderia determinar uma posição de inferioridade no âmbito do saber e a palavra *agaso*, “lacaio”, pode perfeitamente ser aplicada quase como sinônima de *vassalus*.

Uma segunda parêmia em versos *caudati* lembra o sofrimento de Nasão por ter sido expatriado por Augusto: *Dicas, cum pateris, que forsitan non meruisti: / Hec modo Naso feres, quoniam maiora tulisti*, “Tu dirias aquelas coisas, que talvez não mereceste, embora as sofras: / Logo, ó Nasão, suportarás estas, visto que suportaste males maiores”. Além das observações de cunho gramatical, onde se destacam a monotongação do ditongo *ae* em *que* e *hec* – formas clássicas *quae* e *haec* – e a sintaxe do verbo *dicere* -formando uma oração subordinada, visualiza-se por trás da menção aos sofrimentos de Ovídio uma mensagem de reconforto, pois muitas vezes cometem-se injustiças e pessoas inocentes são as vítimas expiatórias das mesmas.

Como não perceber aqui, então, a palavra cristã do encorajamento à prática da abnegação, pois se Cristos padecera sob as injustas acusações dos fariseus, a tudo aceitando, pois estava cômico de que daquela forma cumpriria a vontade de seu Pai, ele, Ovídio, um mortal, como se acabasse de adentrar a época do autor da parêmia, deveria mirar-se no exemplo de Cristo e aguardar a sua misericórdia. A intertextualidade entre os textos de Ovídio e a Sagrada Escritura revela-se, pois, presente no século XV, fazendo com que o poeta de Sulmona, cidadão romano, possa ser ornado quatorze séculos depois com as virtudes de um cristão.

As personagens da mitologia greco-romana, Baco, Vênus e Erínia bem como Catão e Ovídio chegam aos olhos e ouvidos dos alunos medievais, portanto, como temas de referência cultural e moral da Antigüidade. Contudo, Baco e sua comitiva regada a vinho, Erínea com seu espírito vingativo e Vênus com seu apelo lascivo para a concupiscência do amor carnal são motivos de reprimenda dentro dos provérbios provenientes das escolas eclesiásticas e universidades. De forma diferente, Catão continua a ser valorizado por seu discurso moral e

⁴ Esta definição de *studium* torna-se mais clara, se verificarmos o termo em alemão moderno, onde *das Studium* significa apenas o estudo universitário.

moralizante, e trabalhar com os textos de Ovídio alarga a inteligência do estudante, porém tanto os personagens literários quanto seus autores assumem no discurso paremiológico medieval ora apresentado uma função não apenas didática *stricto sensu*. Muito mais que isso, eles representam antigos valores, adquirem e expressam novas idéias permeadas todas pela mensagem doutrinária cristã, convertendo-se então em exemplos e *auctoritates* de um mundo pagão, cuja sabedoria prática, porém, não pode ser desdenhada, mas sim aproveitada e convertida em um modelo pedagógico eclesiástico de fundamentação católica. O labor textual a favor de uma crítica de atitudes leva-nos, enfim, a este modelo medieval paremiológico de Crítica Textual.

REFERÊNCIAS

- BEUTIN, W. et al. **História da literatura alemã**. Lisboa: Cosmos, Apáginastantas, 1993, v.1
- BRAGANÇA JÚNIOR, A. A. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado em Língua e Literatura Latina. 1998, 207 p.
- CHASE, W. J. **The distichs of Cato**. A famous medieval textbook. Wisconsin: Madison, 1922.
- COMMELIN, P. **Nova mythologia grega e romana**. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1906.
- CURTIUS, E. R. **Literatura européia e idade média latina**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1955.
- LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983/1984, 2vs.
- LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984.
- NUNES, R. A. C. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1979.
- PERNOUD, R. **Luz sobre a Idade Média**. Mem Martins: Publicações Europa-América, /s.d./
- SALISBURY, J. **The beast within. Animals in the Middle Ages**. New York; London: Routledge, 1994.
- SELANSKI, W. **A poesia de niedere minne de Walther von der Vogelweide**. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1997.
- SOUZA, R. A. **Manual de história da literatura latina**. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, 1977.
- WALTHER, H. (Hrsg.). **Proverbia sententiæque latinitatis Medii Aevi**. Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters in alphabetischer Anordnung. Teil 1. Göttingen: Vanderboeck & Rupprecht, 1963.
- WERNER, J. **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.